

O inconsciente é a política

Pequenas correções de sentido, melhorias em nome do estilo ou da coerência, sutis modificações nos tempos verbais, mínimos deslizos, supostas garantias de legibilidade. O texto que daí resulta é intragável. A tradução publicada (Zahar, Rio de Janeiro, 2002) se esmera em tentar anular o impacto do original.

Impacto que provém do inconsciente. É disso que este texto trata, no momento em que Lacan tenta reestabelecer as bases da formação do analista de acordo com o que coloca a razão depois de Freud.

Aqui, a carece e a falta de criatividade na tradução não indicam respeito ao original mas, antes, repressão de sua força.

Mas:

O inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Preferimos a idéia de Water Benjamin: a tradução não é nunca uma mera transcrição de uma língua para a outra. Antes, é um *modo* do texto. Neste sentido, o que garante a tradutibilidade é a qualidade do texto. O que a tradução transmite são as linhas de força do original.

Não é um empreendimento somente simbólico. Interferem aí, no real da língua, também as imagens. As imagens dos sons, as imagens suscitadas por estas imagens. O tradutor deixa aí sua libra de carne, não como autor do texto, mas como receptor de sua mensagem. Traduzir um texto é se comprometer, é ser atravessado por ele.

"Este ato de fundação faz picadinho de velhos hábitos"

Nesta frase, a essência do Ato de Fundação. Os velhos hábitos implicados na formação do analista - situação real e formação dada, frisou Lacan em 1956 - trata-se de desautorizá-los por completo. Relegá-los àquele nada a que se refere a placa do Cemitério do Quimbondo: "*Volte para o pó, mísero, ao barro de que Deus te fez!*"¹.

Eis o original:

¹ *Os chapéus transeuntes*, JGR.

Cet acte de fondation tient pour néant de simples habitudes.

Esse 'nada', que não é *rien*, que cria um problema de tradução. Dois 'nadas' em francês, um em português. Disso, Walter Benjamin diz: a tradução alarga os limites da língua para a qual é feita².

A insossa tradução existente, registra:

Este ato de fundação toma por nulos certos hábitos simples.

Burocrático, não? E ainda inventa uma especificação: *certos* hábitos. Outros, não? Isso dá o tom da tradução-existente.

Mas:

O inconsciente é o discurso do Outro

As discrepâncias entre o original e a tradução, atos falhos ou não, revelam a política de tradução e, portanto, a política de transmissão a ela associada. Diz-me com quem traduzes que te direi quem és.

Às vezes a tradução-existente é apenas ruim. Texto duro, quadrado. Em outras, há claramente inversão de sentido.

Mas, quando o nome de Marx fica frente a frente com o nome de Freud isso - na tradução-existente - tem de virar confronto. Fugir a essa compulsão - *compunção*, dirá Lacan neste mesmo texto - deve ser uma afronta. Ao que já está estabelecido.

Algumas observações:

1- Se, na retradução, simplesmente esquecessemos o tal *cartel*, isso não faria diferença nenhuma.

2- A expressão "transferência de trabalho", que aparece em determinado momento do texto, não é um conceito. Poderíamos ousar mais um pouco e verter: um "trabalho de transferência".

3- A escola é tudo menos uma sala de aula. A escola é um anuário, um lugar de registro. É um cartório. Do sétimo ofício psicanalítico. Ela autentica os trabalhos por ela recebíveis.

² E Tutaméia vai fazer misérias com esse nada, em suas inúmeras versões: "nonada, baga, ninha, inânias, ossos-de-borboleta, quiquiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase-nada; *mea omnia*"! Por isso é que toma o Ato de Fundação os tais simples hábitos.

E é um lugar de refúgio do mal-estar na civilização. Portanto, tudo que a escola, em sua existência prática, nunca foi, nem antes e nem depois de Lacan.

Mas talvez possamos inverter os termos. A escola é a transmissão da psicanálise enquanto refrigerio para o Mal-Estar na civilização. Ali onde isso ocorrer, isso fará escola. O que está implicado no Ato de Fundação vem a ser, desse modo, não uma organização administrativa da transmissão, mas o decalque das estruturas, freudianas, implicadas nessa transmissão. Portanto, não "ESTRUTURA DA [ESCOLA], mas "ESTRUTURA [DA ESCOLA], a Escola sendo ela mesma estrutura, estrutura de captura dos "problemas fundamentais da psicanálise".

O analista autoriza-se por si mesmo, mas ganha relevo de sua formação. Donde decorre que o analista que não puder se posicionar com decisão no âmbito, desde sempre político, da crítica cultural enfrentará sempre (as mesmas) dificuldades.

Psicanálise e Sociedade

Rio de Janeiro, maio de 2014.

Ato de Fundação

Jacques Lacan

Retradução: Psicanálise e Sociedade

*Eu*³ fundo - tão só quanto eu sempre o estive em minha relação à causa psicanalítica - a Escola Francesa de Psicanálise, da qual vou assumir, pelos próximos quatro anos, em relação aos quais nada no presente me interdita de responder, pessoalmente, a direção.

A meu ver esse título representa o organismo onde deve se consumir um trabalho:

-Que, no campo que Freud abriu, restaura a foice cortante de sua verdade.

- Que recoloca a praxis original que ele instituiu pelo nome de psicanálise sob⁴ o dever que a ela retorna do nosso mundo.⁵

-Que, através de uma crítica assídua, ali denuncia os desvios e os compromissos que amortecem seu progresso ao degradar seu emprego.

Este objetivo de trabalho é indissolúvel de uma formação a dispensar dentro desse movimento de reconquista. Quer dizer que para ele estão habilitados em pleno direito aqueles que os formei eu mesmo, que para ele estão convidados todos aqueles que podem contribuir para fazer dessa formação a bem fundada prova.

Os que virão a esta escola se engajarão em preencher uma tarefa submetida a uma supervisão interna e externa. Serão assegurados em troca de que nada será poupado para que tudo o que fizerem de válido tenha a repercussão que mereça, e no lugar que convirá.

Para a execução do trabalho, adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada num pequeno grupo. Cada um deles (temos um nome para designar esses grupos) compor-se-á de três pessoas ao menos, cinco no máximo, quatro é a justa medida. MAIS UM encarregado da seleção, da discussão, e do encaminhamento reservado ao trabalho de cada um.

Após um certo tempo de funcionamento, os elementos de um grupo se verão propostos a permutar para um outro.

O encargo de direção não constituirá uma chefia cujo serviço prestado se capitalizaria para o acesso a um grado superior, e nenhum há de tomar por retrocesso reentrar no rol de um trabalho de base.

³Je #moi. \$ <> a

⁴ Sujeito=sub jecto, jogado sob.

⁵ *Wo es war, soll Ich werden.* Ou: *Call of Duty.*

Pela razão de que todo empreendimento pessoal remeterá seu autor às condições de crítica e de supervisão onde o prosseguimento de todo trabalho será submetido à escola.

Isso não implica de modo algum uma hierarquia de cabeça para baixo, mas uma organização circular cujo funcionamento, fácil de se programar, ganhará firmeza na experiência.

Nós constituiremos três seções das quais assegurarei a marcha, secundado por dois colaboradores em cada.

1- SEÇÃO DE PSICANÁLISE PURA, ou seja, praxis e doutrina da psicanálise propriamente dita, a qual nada é senão - o que será estabelecido em seu lugar - a psicanálise didática.

Os problemas urgentes a postular sobre todos os encaminhamentos da didática encontrar-se-ão aqui a abrir caminho através de uma confrontação entretida entre pessoas que têm a experiência da didática e candidatos em formação. Sua razão de ser estando fundada sobre o que não há como velar: o aperto⁶ que resulta das exigências profissionais cada vez que elas carregam o analisado em formação a tomar uma responsabilidade, por menos analítica que possa ser.

É no interior desse problema e como um caso particular que deve ser situada a entrada em supervisão. Prelúdio a definir esse caso sobre critérios que sejam outros que não a impressão de todos e o preconceito de alguns. Pois se sabe que esta é atualmente sua lei solitária, quando a violação da regra implicada pela observância de suas formas é permanente.

Desde o começo e em todo caso uma supervisão qualificada será nesse enquadre assegurada ao praticante em formação na nossa Escola.

Estarão propostos ao estudo assim instaurado os traços por onde eu mesmo rompo com os *standards* afirmados dentro da prática didática, bem como os efeitos que se imputa ao meu ensino sobre o curso de minhas análises, quando é o caso em que, a título de meus alunos, meus analisados aqui compareçam. Incluiremos, se necessário, os únicos impasses reteníveis de minha posição numa tal escola, a saber, aqueles cuja indução mesma a que visa meu ensino engendraria em seu trabalho.

Esses estudos, cuja ponta é a colocação da rotina estabelecida em questão, serão coligidos pelo diretório da seção que velará pelas vias mais propícias a sustentar os efeitos de sua solicitação.

Três subseções:

- Doutrina da psicanálise pura,
- Crítica interna de sua praxis como formação,
- Supervisão dos analistas em formação.

⁶ *besoin*

Postulo afinal como princípio de doutrina que esta seção, a primeira, bem como aquela da qual direi no item 3 a destinação, em seu recrutamento, não vai parar na qualificação médica, não sendo a psicanálise pura, em si mesma, uma técnica terapêutica.

2- SEÇÃO DE PSICANÁLISE APLICADA, o que quer dizer de terapêutica e de clínica médica.

Estarão aí grupos médicos, sejam eles ou não compostos de sujeitos psicanalisados, por menos que estejam em condições de contribuir para a experiência psicanalítica; pela crítica de suas indicações em seus resultados, - pela colocação à prova dos termos categóricos e das estruturas que introduzi como sustentando o prumo da praxis freudiana, - isto no exame clínico, nas definições nosográficas, na posição mesma dos projetos terapêuticos.

Aqui também três subseções:

-Doutrina da cura, ou seja, do tratamento, e de suas variações.

-Casuística.

-Informação psiquiátrica e prospecção médica.

Um diretório para autenticar cada trabalho como sendo da escola, e tal que sua composição exclua todo conformismo preconcebido.

3 - SEÇÃO DE RECENSEAMENTO DO CAMPO FREUDIANO

Ela assegurará de saída o relatório e a censura crítica de tudo o que oferecem nesse campo as publicações que se pretendem nele autorizadas.

Ela empreenderá a iluminação dos princípios dos quais a prática analítica deve receber na ciência o seu estatuto.⁷ Estatuto que, por mais particular que seja preciso enfim reconhecê-lo, não poderá ser o de uma experiência infável.

Para enfim instruir nossa experiência, como para comunicá-la, fará apelo ao que do estruturalismo instaurado em certas ciências pode esclarecer aquilo do que já demonstrei a função na nossa - no sentido contrário o que, de nossa subjetivação, essas mesmas ciências podem receber de inspiração complementar.⁸

⁷ Cf. *A questão de uma Weltanschauung*. A praxis psicanalítica recebe seu estatuto não da ciência, mas dos princípios que a constituem, enquanto *idéia*, no sentido benjaminiano. Estes princípios definem a ciência como a rejeição de toda *Weltanschauung*. Só pode ser, portanto, no âmbito da ciência que a psicanálise recebe seu estatuto.

⁸ Diz Lacan: de simples, somente o significante. O estruturalismo pode esclarecer a topologia do campo do significante. A psicanálise por sua vez reintroduz para as ciências o *sujeito, enfim em questão*. Ou seja, a inspiração da tomada da relação do sujeito com o significante: S1/\$--->S2/a, e suas correspondentes rotações.

No limite a praxia de uma teoria é requerida, sem a qual a ordem de afinidades que esboçam as ciências que chamamos conjecturais restará à mercê dessa deriva política que se lastreia na ilusão de um condicionamento universal.⁹

Portanto também aqui três subseções:

- Comentário contínuo do movimento psicanalítico;
- Articulação às ciências afins
- Ética da psicanálise, que é a praxis de sua teoria.

NOTA ADJUNTA

Este ato de fundação reduz a pó os hábitos simples. Ocorreu-nos no entanto deixar abertas algumas questões àqueles em que estes hábitos ainda reinam.

Um guia do usuário, em sete ítems. Dá aqui as respostas mais solicitadas - donde poder-se-á supor as questões que elas dissipam.

1- DO DIDATA

Um psicanalista é didata, pelo fato de que ele fez uma ou mais psicanálises que se verificaram didáticas.

É uma habilitação de fato, que efetivamente sempre se passou assim, e não releva de nada mais que de um anuário ratificando fatos, sem mesmo que se pretenda exaustivo.

O protocolo do consentimento dos pares tornou-se caduco, por permitir a introdução bastante recente do que se denomina 'a lista', na medida em que uma sociedade pode utilizar esta para fins que malconhecem da maneira mais clara as condições mesmas da análise a empreender como a análise em curso.

Condições das quais o essencial é que o analisado seja livre para escolher seu analista.

⁹ Ou seja, a não consideração do caráter pulsional de toda atividade psíquica.

2- DA CANDIDATURA À ESCOLA

Uma coisa é a candidatura a uma escola, outra coisa é a qualificação de uma psicanálise como didática.

A candidatura à escola exige uma seleção a se reger segundo as metas de trabalho.

O encargo será tomado, no início, por um simples comitê de acolhimento, dito Cardo, que quer dizer soleira em latim, o que dele indica o espírito.

Recordemos que a psicanálise didática só é exigida para a primeira seção da escola, ainda que seja desejável para todas.

3- DA PSICANÁLISE DIDÁTICA

Praticou-se a qualificação de uma psicanálise como didática até o presente por uma seleção, da qual basta, para julgá-la, constatar que ela não permitiu articular nenhum de seus princípios desde que ela consiste.

Ninguém tem nenhuma chance de se descolar no futuro, a não ser ao romper com um uso que se oferece ao risível.

O único princípio certo a postular, e mais ainda por ser malconhecido¹⁰, é que a psicanálise é constituída como didática pelo querer do sujeito e que ele deve ser advertido de que a análise contestará esse querer, na medida mesma da aproximação do desejo que ele encerra.

4 - DA PSICANÁLISE DIDÁTICA ENQUANTO PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA

Os que empreendem uma psicanálise didática o fazem por sua própria conta e por sua escolha. O título 1 desta nota implica mesmo que eles podem estar em posição de autorizar seu psicanalista como didata.

Mas a admissão na escola lhes impõe a condição que se saiba que eles se engajaram na empreitada, onde e quando.

Pois a escola, em algum momento em que o sujeito entra em análise, tem de colocar este fato em balanço com a responsabilidade da qual ela não pode declinar de suas consequências.

É constante que a psicanálise tenha efeitos sobre toda prática do sujeito que nela se engaja. Quando esta prática procede, por menos que seja, de efeitos psicanalíticos, ele se descobre a engendrar-los no lugar onde ele os reconhecerá.

¹⁰ méconnu

Como não ver que a supervisão se impõe desde o momento mesmo desse efeitos, e, antes de mais nada para deles proteger aquele que ali advém em posição de paciente.

Algo está aqui em jogo, no que se refere a uma responsabilidade que a realidade impõe ao sujeito, enquanto praticante, de que ele tomará seus riscos.

Pretender ignorar este fato é a inacreditável função que se conserva na prática da psicanálise didática: espera-se que o sujeito não pratique, ou será tido por violar, com seu feito, uma regra de prudência, e até mesmo de honestidade. Que, ao observar esta regra, o sujeito por fim não comparece em sua função, não está fora dos limites daquilo que se passa, o sabemos, em outra parte.¹¹

A escola não poderia abstrair-se desse desastroso estado de coisas, em razão mesmo do trabalho do qual ela é feita para garantir.

5- DO ENGAJAMENTO NA ESCOLA

No momento o engajamento na escola se dá por dois acessos:

1- O grupo constituído por escolha mútua segundo o ato de fundação, e que se chamará um cartel se apresentará ao meu aval com o título do trabalho que cada um tencione aí levar adiante.

2- Os indivíduos que querem se fazer conhecer por qualquer projeto que seja acharão o útil caminho sob os auspícios de um membro do Cardo: os nomes dos primeiros a terem aceitado o encargo sob minha demanda serão publicados antes de 20 de julho. Eu mesmo dirigiria para um entre eles quem me fizesse essa demanda.

6 - DO ESTATUTO DA ESCOLA

Minha direção pessoal é provisória, ainda que prometida por quatro anos. Isto nos parece necessário para o engrenar da Escola.

Se seu estatuto jurídico é desde o início aquele da associação declarada pela lei de 1901, nós cremos dever de saída fazer passar em seu movimento o estatuto interno que será, num prazo fixado, proposto ao consentimento de todos.

Lembremos que a pior objeção que se possa fazer às sociedades de forma existente é o esvaziamento do trabalho, manifesto até na qualidade, que elas causam nos melhores.

O sucesso da Escola se medirá pela sorte de trabalhos que sejam recebíveis em seu lugar.

7 - DA ESCOLA COMO EXPERIÊNCIA INAUGURAL

Este aspecto se impõe bastante, pensamos, no ato de fundação, e deixamos a cargo de cada um descobrir suas promessas e seus rochedos.

¹¹ Numa outra cena [N.T.]

Àqueles que podem se interrogar sobre o que nos guia, desvelaremos sua razão.

O ensinamento da psicanálise não pode se transmitir de um sujeito ao outro senão pela via de uma transferência de trabalho.

Os "seminários", aí compreendidos nosso curso nos Hautes Études, não fundarão nada, se eles não reenviarem a esta transferência.

Nenhum trabalho doutrinal, e notadamente o nosso, por mais propício que ele possa estar em direção ao trabalho, poderá prejulgar as conclusões que dele serão o resto.

J. LACAN

Diretor da Escola Freudiana de Paris

PREÂMBULO

Desta fundação, pode-se levantar de saída a questão de sua ligação com o ensino que não deixa sem garantia a decisão do seu ato.

Postularemos que, por mais qualificados que sejam aqueles que estejam na medida de discutir este ensino, a Escola nem depende disso nem dispensa isso, uma vez que ele segue adiante do lado de fora.

Se efetivamente, para este ensino a existência de uma audiência, da qual ainda não se tomou a medida, se revela na mesma revolução¹² que impõe a Escola, importa ainda mais demarcar aquilo que os separa.

Escola Freudiana de Paris - esse título tido e mantido em reserva no ato de fundação anuncia claramente as intenções de onde ele procede, e ao que se atém os seus termos.

Repassemos o lugar em cujo retomamos, não a título de nada, ecoando como de origem o desafio que ele importa, desde já saudado por Freud: a Escola se afirma de abordagem¹³ freudiana, para o que, - se essa é uma verdade que sem dúvida se suporta numa presença paciente a reiterá-la, mas que desse efeito é tornada consciência como que do ar francês - é que a mensagem freudiana ultrapassa de longe em sua radicalidade o uso que dela fizeram os praticantes de obediência anglófona.

Mesmo se, em França como alhures, damos as mãos a uma prática mitigada pelo espumar de uma psicoterapia associada às precisões¹⁴ da higiene social - é fato que nenhum praticante o é

¹² *Tournant*

¹³ *D'abord*

¹⁴ *Besoin*. Também: *necessidade*, ou *aperto*.

sem mostrar seu nojo ou sua aversão, até mesmo seu esgar ou seu horror, em face das ocasiões que a ele se oferecem para imergir no lugar aberto onde a prática aqui denunciada toma forma imperialista: conformismo da visada, barbarismo da doutrina, regressão que se acaba num psicologismo puro e simples - tudo mal compensado pela promoção de uma cléricatura, fácil de caricaturar, mas que em sua compunção é justamente o resto que é testemunha da formação pela qual a psicanálise não se dissolve naquilo que ela propaga.

Esse desacordo, que o imaginemos a partir da evidência que surge ao interrogar se não é verdade que em nossa época a psicanálise está em toda parte, os psicanalistas outra parte.

Pois não é vão que possamos nos espantar que o mero nome de Freud, pela esperança de verdade que ele conduz, faça figura que fique frente a frente com o nome de Marx, suspeita indissipada, por mais que seja patente que o abismo não seja aí rejuntável, de que na via por Freud entreaberta poderíamos aperceber-nos da razão pela qual encalha o marxismo em dar conta de um poder cada vez mais desmesurado e mais louco quanto ao político, se ainda um efeito de relance de sua contradição não desempenha um papel.

Que os psicanalistas não estejam em estado de julgar os males em que se banham, mas que se sintam aí afundando - é o bastante para explicar que eles respondem a isso através de um enkistamento do pensamento. Demissão que abre a via a uma falsa complacência, portadora para o beneficiário dos mesmos efeitos que de uma verdadeira; neste caso, o carimbo com que eles achincalham os termos de que têm a guarda para o empreendimento que não é de modo algum, em si, o móvel da economia reinante, mas é cômoda habilitação daqueles que ela emprega, até mesmo em altos graus: a orientação psicológica e seus diversos ofícios.

Desse modo, a psicanálise está demasiado em espera, e os psicanalistas demasiado em falso, para que se possa desnudar o suspense em outro lugar que não no ponto mesmo do qual eles se afastaram: a saber, na formação de psicanalista.

Não que a Escola não disponha do que lhe assegura de não romper nenhuma continuidade: a saber, psicanalistas irrepreensíveis em qualquer ponto que se lhes coloque, uma vez que bastou para eles, como para o resto dos sujeitos formados por Lacan, que eles renegassem seu ensino para serem reconhecidos por uma certa "Internacional", e que é notório que eles devam tão somente à sua escolha e a seu discernimento haverem renunciado a esse reconhecimento.

É a Escola que recoloca em questão os princípios de uma habilitação patente, e do consentimento daqueles que notoriamente a receberam.

No que freudiana ela ainda se verifica, o termo Escola vindo agora ao nosso exame.

É para tomá-lo no sentido em que nos tempos antigos se quereria dizer alguns lugares de refúgio, até mesmo bases de operação contra o que já se podia chamar mal estar na civilização.

Nos atendo ao mal estar na psicanálise, a Escola pretende dar seu campo não só a um trabalho de crítica: à abertura do fundamento da experiência, à colocação em causa do estilo de vida sobre o qual ela desemboca.

Aqueles que aqui se engajam se sentem bastante sólidos para anunciar o estado de coisas manifesto: que presentemente a psicanálise não tem nada de mais certo para fazer valer como ativo seu que a produção de psicanalistas – ainda que esse balanço apareça como deixando a desejar.

Não é que nos abandonamos aqui a alguma autoacusação. Estamos conscientes de que os resultados da psicanálise, mesmo em seu estado de verdade duvidosa, fazem figura mais digna do que as flutuações de modo e do que as premissas cegas a que se fiam tantas terapêuticas no domínio onde a medicina ainda não terminou de se orientar quanto aos seus critérios (aqueles da recuperação social são isomorfos àqueles da cura?) e parece mesmo atrasada quanto à nosografia: nos referimos à psiquiatria tornada uma questão para todos.

Chega a ser mesmo bastante curioso ver como a psicanálise faz aqui papel de pára-raios. Como sem ela se faria alguém ser levado a sério, ali mesmo onde se faz mérito de a ela se opor. Daí advém um *statu-quo* onde o psicanalista deixa barato o que se reputa de sua insuficiência.

A psicanálise, no entanto, distinguiu-se de início por dar acesso à noção de cura em seu domínio, a saber: esboçar seus sentidos aos sintomas, dar lugar ao desejo que eles mascaram, retificar sob um modo exemplar a apreensão de uma relação privilegiada, – e ainda precisou poder ilustrar distinções de estrutura que exigem as formas da doença, reconhecê-las nas ligações¹⁵ do ser que demanda e se identifica a essa demanda e essa identificação elas próprias.

Ainda foi preciso que o desejo e a transferência que eles animam tenham sublevado aqueles que dela têm a experiência até lhes tornar intoleráveis os conceitos que perpetuam uma construção do homem e de Deus onde o entendimento e a vontade se distinguem, de uma pretensa passividade do primeiro modo até a atividade arbitrária que ela atribui ao segundo.

A revisão que evoca do pensamento as conexões com o desejo que Freud lhe impõe parece fora dos meios do psicanalista. Sem dúvida elas se eclipsam com as barganhas¹⁶ que lhes curvam à fraqueza daqueles a que ele socorre.

É um ponto onde no entanto o problema do desejo não pode ser eludido, é quando se trata do próprio psicanalista.

E nada é mais exemplar da pura tagarelice do que isto que correu a esse propósito: que aí está o que condiciona a segurança de sua intervenção.

Perseguir nos álibis o malconhecimento que aqui se abriga em papéis falsos exige o reencontro do mais valioso de uma experiência pessoal com aqueles que a intimarão a se confessar, a tomando por um bem comum.

¹⁵ *rappports*

¹⁶ *ménagements*, como em '*ménage à trois*'. Cretamente: precauções.

As próprias autoridades científicas são aqui o refém de um pacto de carência que faz com que não seja mais do lado de fora que se possa esperar uma exigência de supervisão que estará na ordem do dia em todos os lugares por aí.

É o afazer somente daqueles que, psicanalistas ou não, se interessam pela psicanálise em ato.

É a eles que se abre a Escola, para que coloquem à prova seu interesse, – não lhes sendo proibido elaborar a sua lógica.

J. Lacan.